

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
EDUCAÇÃO FÍSICA LICENCIATURA**

Adriele Roth Da Silva

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:
FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DO PIBID
CEFD/UFSM: A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.**

Santa Maria, RS
2018

Adriele Roth Da Silva

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:
FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DO PIBID
CEFD/UFSM: A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.**

Trabalho apresentado ao curso de Educação física, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciatura em Educação Física**.

Orientador (a): Prof.^a Dra. Maristela Souza

Santa Maria, RS
2018

Adriele Roth Da Silva

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO:
FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA ATRAVÉS DO PIBID
CEFD/UFSM: A RELAÇÃO ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA.**

Trabalho apresentado ao curso de Educação física, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Licenciatura em Educação Física**.

Aprovado em 03 de julho de 2018.

Prof.^a Dra. Maristela Souza
(Orientadora)

Prof. ^a Dra. Elizara Carolina Marin

Mirian Jair Vieira de Souza

Santa Maria, RS
2018

RESUMO

Formação inicial em educação física através do Pibid cefd/ufsm: a relação entre a teoria e a pratica.

AUTORA: Adriele Roth Da Silva
ORIENTADORA: Prof.^a Maristela Souza

Esse estudo trata da Formação inicial em educação física através do Pibid cefd/ufsm: a relação entre a teoria e a pratica, buscando ver se o programa possibilita um melhor entendimento do bolsista entre teoria e pratica na sua formação acadêmica. Tendo como objetivo analisar a experiência do subprojeto educação física na educação básica/segmento anos iniciais do ensino fundamental, apresentando a relação teoria e prática desenvolvida no mesmo. O método utilizado foi uma análise documental em que foram analisados oito planos de aula dos bolsistas participantes do programa através das categorias: avaliação/objetivos e conteúdo/método. Por fim, entendemos que o PIBID é um programa que possibilita uma formação mais qualificada no que consiste na relação entre teoria e prática, pois constatamos uma lógica entre as categorias objetivos/avaliação e conteúdo/método, possibilitando a ampliação do ensino-aprendizagem dos mesmos para além de uma aula com desenvolvimento de meras atividades.

Palavras chaves: PIBID, FORMAÇÃO INICIAL, TEORIA E PRATICA.

ABSTRACT

Initial training in Physical Education through PIBID CEFD/UFSM: a relation between theory and practice.

AUTHOR: Adriele Roth Da Silva
ADVISOR: Prof.^a Maristela Souza

This study is about Initial Training in Physical Education through PIBID (Institutional Scholarship Program for New Teachers) CEFD/UFSM: the relation between theory and practice, seeking to analyse if the program allows a better understanding of theory and practice from the scholarship holder in his academic period. The objective is to analyse the experience of the Physical Education subproject in basic education/first years of primary school and to present the relation theory and practice developed in it. The method used was documental analysis. Eight lesson plans from the scholarship holders were analyzed through the following categories: evaluation/objectives and content/method. Then, the analysis of the context with our final considerations. Finally, we understand PIBID is a program that allows a better qualification in terms of theory and practice, through the analyses of the lesson plans, a logic between the categories objectives/evaluation and content/method which make us to determine that the qualification of the such students, thanks to PIBID, promoted the expansion of teaching-learning to beyond a class with simple activities.

Key Words: PIBID, ACADEMIC QUALIFICATION, LEARNING

Sumario

1 INTRODUÇÃO	7
2 METODOLOGIA	9
2.1 PIBID: O QUE É, E COMO SE ESTRUTURA.....	9
2.2 A PROPOSTA DO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA/SEGMENTO ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	11
2.2.1 1º Passo Prática social inicial	13
2.2.2 2º Passo Problematização	13
2.2.3 3º Passo Instrumentalização	14
2.2.4 4º Passo Catarse	14
2.2.5 5º Passo Prática social	15
2.3 PLANOS DE AULA: EXPRESSÃO DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA	16
2.3.1. Bolsista A.....	16
2.3.2 Bolsista B.....	18
2.3.3. Bolsista C.....	21
2.3.4. Bolsista D.....	25
2.3.5 Bolsista E.....	31
2.3.6. Bolsista F	32
2.3.7. Bolsista G	33
2.3.8. Bolsista H.....	35
2.4 CATEGORIAS: AVALIAÇÃO/OBJETIVOS E CONTEÚDO/MÉTODO.....	37
3. ANÁLISE DOS CONTEXTOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
Referencias.....	43

1 INTRODUÇÃO

O ministério da educação (MEC) propôs alguns projetos para fechar as falhas de formação inicial, dentre eles o programa institucional de bolsa de iniciação á docência (pibid) que foi criado em 2007 como um programa e teve um avanço significativo com a promulgação da Lei nº 12.796/2013 Art. 62, § 5º, que inseriu um adendo na LDB, instituindo o PIBID como um programa contínuo, que passa a ser uma política de Estado para a formação de professores (BRASIL, 2013).

O PIBID tinha como objetivo atender apenas alguns cursos de licenciatura, como destaca o art. 1º§2º. “O pibid atendera com prioridade a formação de docentes para atuar nas seguintes áreas de conhecimento e os níveis de ensino”. Sendo elas:

I – Física química, matemática e biologia para ensino médio.

II – Ciências e matemática para o ensino médio e anos finais de ensino fundamental.

III – e de forma complementar licenciatura em letras (língua portuguesa), educação musical, educação artística e demais licenciaturas (BRASIL,2007, p.1).

A Universidade Federal de Santa Maria participa do PIBID desde o seu surgimento. As atividades do PIBID no CEFD/UFSM tiveram início no ano de 2009 com o subprojeto “cultura esportiva da escola”. Apresentou como objetivo construir um espaço de intervenção profissional por meio da iniciação à docência em busca de construir estratégias inovadoras na área da Educação Física Escolar. A inserção do subprojeto, passou por quatro momentos, desde a sondagem e o diagnóstico das escolas participantes (conhecimento da realidade escolar em todos os seus sentidos, estruturais, espaciais, materiais, alunos, funcionários, demais professores e toda a comunidade em geral, cultura escolar esportiva existente); o segundo momento, reflexões a partir das observações da realidade encontrada; o terceiro, intervenção na escola com, aplicação de práticas esportivas e formativas nas aulas de Educação Física (parte prática, na qual os bolsistas realizavam suas inserções profissionais a partir da iniciação à docência); e a última caracterizada pela avaliação do subprojeto e intervenções realizadas nas escolas (SAWITZKI, 2013).

Em 2011 (edital nº 1/2011/capes) dois novos subprojetos foram incorporados. O “ensino dos esportes na escola” e os “anos iniciais na perspectiva interdisciplinar”.

Em 2013, com a reestruturação do projeto institucional da UFSM, o CEFD, aprovou cinco subprojetos (4 da educação física e 1 interdisciplinar). São eles: educação física na educação básica/segmento educação infantil, educação física na educação básica/segmento anos iniciais do ensino fundamental, educação física na educação básica/segmento ensino médio e trabalho pedagógico da educação física e da pedagogia nos anos iniciais do ensino fundamental.

A autora deste estudo participou do subprojeto da educação física na educação básica/segmento anos iniciais do ensino fundamental como bolsista, e com a experiência no projeto teve mais facilidades nos estágios curriculares do curso, aprendendo a lidar com as diferentes turmas e entender o que é ser professor. Neste sentido, constatamos, a partir da experiência desenvolvida no PIBID, que o mesmo, faz diferença na vida dos acadêmicos.

O PIBID tem uma finalidade de possibilitar um espaço de intervenção profissional aos acadêmicos de licenciatura, tangendo o momento de formação inicial do acadêmico, possibilitando também análises, problematizações e discussões da realidade em que a educação física se encontra inserida nos espaços escolares.

Em específico o subprojeto educação física na educação básica/segmento anos iniciais do ensino fundamental, desenvolveu a formação teórica dos pibidianos e supervisores baseada na teoria do Materialismo Histórico e Dialético, em específico, na pedagogia histórico crítico (Saviani, 1999), que apresenta 5 passos como proposta metodológica para o contexto escolar.

Diante do trabalho desenvolvido pelo referido grupo, este estudo apresenta o seguinte problema: É possível através do PIBID qualificar a formação inicial no que se refere a relação entre teoria e prática?

Como objetivo, nosso estudo possibilita: Analisar a experiência do subprojeto educação física na educação básica/segmento anos iniciais do ensino fundamental, apresentando a relação teoria e prática desenvolvida no mesmo.

Para que possamos atingir o nosso objetivo de forma mais qualificada, analisaremos os planos de aula de oito alunos e seus respectivos embasamentos teóricos para o contexto da prática docente. Os referidos planejamentos tratam-se de experiências já desenvolvidas pelos alunos nas escolas em que o PIBID era desenvolvido.

2 METODOLOGIA

Durante o processo de formação através do Pibid anos iniciais, em que os bolsistas, iniciaram a utilização dos 5 passos, para elaboração de seus planejamentos, esses planejamentos eram elaborados cotidianamente para a prática dos mesmos no contexto das escolas. O planejamento era revisado pelos supervisores e na sequência, pelo coordenador do projeto. No ano de 2017, como atividade de formação do grupo, os bolsistas do grupo do PIBID anos iniciais do ensino fundamental, selecionaram um plano de aula, a partir de suas elaborações durante o ano, para ser apresentado e discutido no grande grupo.

Nesta pesquisa, foram utilizados oito planos de aula, no sentido de nos possibilitar entender melhor se o PIBID gerou mais conhecimentos na relação da teoria com a prática para os bolsistas que participaram do projeto. O trabalho analisou nos planos de aula, os pontos positivos, a interpretação do bolsista com o modelo de plano de Saviani, os cinco passos, e desvendar se é possível através do PIBID qualificar a formação inicial no que se refere a relação entre teoria e prática?

Para análise dos planos foi utilizado as categorias Objetivos e Avaliação e Conteúdos e método. As categorias por pares facilitam ao apontar as relações dialéticas que desejamos estudar no trabalho.

Estes planejamentos mostram a capacidade de elaborar a sua aula, uma síntese entre a fundamentação teórica, o conteúdo a ser ensinado e a avaliação da relação entre objetivo-avaliação, conteúdo e método.

Para tanto nosso estudo apresenta o seguinte caminho: O que é o Pibid e como se estrutura; A proposta do pibid educação física na educação básica/segmento anos iniciais do ensino fundamental, em que constará a proposta de planejamento baseada nos 5 passos propostos por Saviani, seguido dos oito (8) planejamento referendados; Discussão sobre as categorias: avaliação/objetivos e conteúdo/método e por último a análise dos contextos com nossas considerações finais.

2.1 PIBID: O QUE É, E COMO SE ESTRUTURA

Em 2007, dentre as políticas educacionais voltadas para a formação inicial, de professores foi criado o PIBID, instituído pelo Ministério da Educação – MEC e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. O PIBID foi criado com a finalidade de valorizar o magistério e apoiar estudantes de licenciatura plena das instituições federais e estaduais de educação superior (BRASIL, 2007). Um dos objetivos do PIBID é elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciatura das instituições de educação superior. O programa visa proporcionar aos futuros professores o contato com a realidade escolar e a participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar e que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem, com o estreitamento entre a universidade e a escola. Esses objetivos foram explicitados conforme Portaria Normativa Nº 38, de 12 de dezembro de 2007, que dispõe sobre objetivos do PIBID em seu Art. 1º. Os objetivos são os seguintes:

- I - Incentivar a formação de professores para a educação básica, especialmente para o ensino médio;
- II- valorizar o magistério, incentivando os estudantes que optam pela carreira docente;
- III- promover a melhoria da qualidade da educação básica;
- IV- promover a articulação integrada da educação superior do sistema federal com a educação básica do sistema público, em proveito de uma sólida formação docente inicial;
- V- elevar a qualidade das ações acadêmicas voltadas à formação inicial de professores nos cursos de licenciaturas das instituições federais de educação superior (BRASIL, 2007, p. 1)

O Art. 4º expressa que o “PIBD será implementado pela concessão institucional de bolsas de estudo para iniciação à docência, para professor coordenador e para professor supervisor de bolsistas de iniciação à docência” (BRASIL, 2007, p. 1). Salienta-se que todas as pessoas (coordenador institucional,

coordenador de área, professor supervisor e acadêmicos da graduação em licenciatura), envolvidas diretamente no PIBID são denominadas bolsistas e recebem uma bolsa-auxílio financiada pela CAPES.

A Portaria Nº 122, de 16 de setembro de 2009, a qual dispõe sobre o PIBID no âmbito da CAPES, considera que: coordenador institucional é o professor da instituição de educação superior responsável pela coordenação do projeto perante a CAPES; o coordenador de área é o professor da IES responsável pela coordenação e desenvolvimento em sua área de atuação acadêmica; o professor supervisor é o professor da rede pública de Educação Básica responsável por acompanhar e supervisionar as atividades dos bolsistas de iniciação à docência; os bolsistas de iniciação à docência são os alunos regularmente matriculados em cursos de graduação-licenciatura que integram o projeto institucional da IES (BRASIL, 2009).

As reuniões pedagógicas entre coordenador e participantes (acadêmicos e professores supervisores), tem o propósito de definir as ações e avaliar o trabalho em curso, se constitui no principal espaço de constituição das propostas de cada Subprojeto. Cada equipe fica encarregada de promover, ao menos, uma ação pública por mês na sua escola, com o objetivo de dinamizar a produção de estratégias educacionais e sua aplicabilidade, abrangendo oficinas, minicursos, palestras, aulas, grupos de discussão e de estudos.

A cada bimestre ao menos uma reunião da coordenação do projeto institucional com os coordenadores dos subprojetos, podendo também ser feitas reuniões com todos os participantes, professores coordenadores, supervisores e acadêmicos bolsistas, pois se evidencia que os subprojetos estão reunidos em torno da questão da interação entre as diferentes áreas.

Os projetos do CEFD envolveram 4 professores coordenador de área, 12 professores supervisores, e cerca de 61 alunos bolsistas do programa.

2.2 A PROPOSTA DO PIBID EDUCAÇÃO FÍSICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA/SEGMENTO ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Dentre os subprojetos, focaremos nosso estudo no subprojeto “educação física na educação básica/segmento anos iniciais do ensino fundamental”.

O referido subprojeto “Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental” teve como objetivo trabalhar com os anos iniciais do ensino fundamental constituindo um campo de atuação na docência na escola pública aos futuros educadores em formação inicial (Licenciatura em Educação Física) e formação continuada (professores das escolas e da UFSM), desenvolvendo práticas e construindo estratégias educacionais inovadoras no planejamento coletivo em consonância com o professor regente da escola, bem como com os diferentes programas oficiais desenvolvidos nas mesmas (Programa Mais Educação; Educação Inclusiva; ANEEs). Inserir alunos da graduação nessas realidades é uma forma de aproximar a formação inicial e continuada de professores para a Educação Básica do contexto universitário, buscando a integração e a convergência entre programas, estratégias e políticas pedagógicas. Isto permitirá que os acadêmicos tragam suas experiências para discussão com as demais disciplinas das suas graduações. Nesse sentido entendemos que esta possibilidade de articulação não possa ser efetuada apenas pelo professor regente da turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental, mas também pelo bolsista de iniciação a docência. E nessa perspectiva há de se considerar a necessidade também da articulação entre esses dois educadores. Em se tratando da formação inicial, tanto o professor que atua nesse segmento de ensino uni docente quanto à Educação Física formam profissionais para trabalhar de forma isolada, contudo, na escola ambos os profissionais desenvolvem ações pedagógicas com os mesmos alunos.

Na busca de alternativas ao enfrentamento dessa questão, no início de seu desenvolvimento, tratou como forma de sustentação da práxis pedagógica o “jogo” na perspectiva de criar espaço para elaboração e o fortalecimento de pedagogias/metodologias inovadoras que priorizam o mesmo como desencadeador (responsável) do processo de aprendizagem (Scaglia, 2003) ao mesmo tempo em que a educação física deve pensá-lo enquanto conteúdo a ser ensinado e objeto de estudo a ser mais investigado. O subprojeto em sua essência privilegiou a participação do planejamento coletivo das práticas pedagógicas em suas ações/intervenções através da realização semanal de reuniões do grupo de estudos na escola e universidade com o objetivo de dialogar com os diferentes atores, bem como com os outros subprojetos que de forma interdisciplinar buscaram resgatar o

sentido e o significado do planejamento coletivo com as várias áreas do conhecimento dos anos iniciais.

A partir do ano de 2015, o grupo passou a ter uma formação a partir do materialismo histórico. Tendo como referência os cinco (5) Passos de Saviani:

2.2.1 1º Passo Prática social inicial

Esta é a primeira etapa da prática pedagógica realizada com o método histórico-crítico. Segundo Araújo (2009) “a prática social inicial implica em conhecer a experiência de cada aluno, sua memória e seu saber prático”.

Em princípio, o professor situa-se em relação à realidade de maneira mais clara e mais sintética que os alunos. Quanto a estes, pode-se afirmar que, de maneira geral, possuem uma visão sincrética, caótica. Frequentemente é uma visão de senso comum, empírica, um tanto confusa, em que tudo, de certa forma, aparece como natural. Todavia, essa prática do educando é sempre uma totalidade que representa sua visão de mundo, sua concepção da realidade, ainda que, muitas vezes, naturalizada (Gasparin, 2007).

Steimbach (2008) explicita a prática social inicial como o ponto de partida do processo pedagógico. Nesta etapa, os alunos trazem para o ambiente escolar todas as vivências e experiências que já possuem sobre o conteúdo. Isso se faz necessário para que o conteúdo a ser trabalhado mostre vinculação com a realidade, sendo assim socialmente necessário.

Neste momento a aula já começa de forma dialogada e participativa. É feita uma introdução do conteúdo onde o professor faz uma avaliação diagnóstica, identificando os conhecimentos prévios dos alunos sobre determinado conteúdo para, a partir daí, iniciar sua mediação.

2.2.2 2º Passo Problematização

De acordo com Gasparin (2007), a problematização representa o momento do processo pedagógico em que a prática social é posta em questão, analisada,

interrogada, levando em consideração o conteúdo a ser trabalhado e as exigências sociais de aplicação desse conhecimento.

Nesta etapa surgem as dúvidas e ocorre a discussão de questões inerentes ao conteúdo proposto. É aqui que ocorre o ato de vislumbrar o conteúdo em diferentes dimensões sociais. Um conteúdo problematizado deverá mostrar-se através de várias dimensões (conceitual, histórica, social, política, estética, religiosa, etc.) (Steimbach, 2008).

Professor e alunos, juntos, procuram “detectar que questões precisam ser resolvidas no âmbito da prática social e, em consequência, que conhecimento é necessário dominar” (Saviani, 2008). As questões levantadas pelo professor devem despertar o pensamento crítico dos alunos e estimular a busca pelo aprofundamento do conhecimento.

2.2.3 3º Passo Instrumentalização

Nesta etapa é que o conteúdo será trabalhado em suas dimensões. Segundo Gasparin e Petenucci (2008), este é o momento em que o professor “apresenta aos alunos através de ações docentes adequadas o conhecimento científico, formal, abstrato, conforme as dimensões escolhidas na fase anterior”. E os alunos, ainda conforme os autores, “por meio de ações estabelecerão uma comparação mental com a vivência cotidiana que possuem desse mesmo conhecimento, a fim de se apropriar do novo conteúdo”.

Saviani (2008) explica a instrumentalização:

Trata-se de se apropriar dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social. Como tais instrumentos são produzidos socialmente e preservados historicamente, a sua apropriação pelos alunos está na dependência de sua transmissão direta ou indireta por parte do professor. [...] o professor tanto pode transmiti-los diretamente como pode indicar os meios pelos quais a transmissão venha a se efetivar.

Esta é a parte da aula onde o professor irá transmitir seu conhecimento, expondo os conceitos, explicando e dando exemplos, com fundamentação científica.

2.2.4 4º Passo Catarse

A palavra catarse (do grego “*kátharsis*”) significa purificação. Neste contexto, a catarse é o momento em que o aluno manifesta um entendimento do conteúdo. Ele se “liberta” do senso comum e apropria-se do conhecimento científico, atingindo os objetivos estabelecidos pelo professor.

Para Saviani (1999), mencionado por Gasparin (2007), catarse é:

A expressão elaborada da nova forma de entendimento da prática social a que se ascendeu. [...] Trata-se da efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social. [...]. Daí porque o momento catártico pode ser considerado como o ponto culminante do processo educativo, já que é aí que se realiza pela mediação da análise levada a cabo no processo de ensino, a passagem da síncrese à síntese; em consequência, manifesta-se nos alunos a capacidade de expressarem uma compreensão da prática em termos tão elaborados quanto era possível ao professor.

Gasparin e Petenucci (2008) afirmam que o aluno, neste momento, apresenta uma “nova postura mental unindo o cotidiano ao científico em uma nova totalidade concreta no pensamento. Neste momento o educando faz um resumo de tudo o que aprendeu, segundo as dimensões do conteúdo estudadas. É a elaboração mental do novo conceito do conteúdo”. Sendo assim, o professor deve empregar instrumentos de avaliação para averiguar se o conteúdo foi assimilado e se os alunos apresentaram alguma dificuldade. A catarse é uma etapa muito importante, pois é nela e que o professor saberá se alcançou os objetivos da aula e se poderá avançar no processo pedagógico.

2.2.5 5º Passo Prática social

Conforme Saviani (2001), citado por Araújo (2009):

A prática social inicial e a prática social final é e não é a mesma. É a mesma no sentido de que não se consegue uma transformação das condições sociais objetivas da escola e muito menos da sociedade como um todo. Mas não é a mesma a partir do momento em que houve uma transformação do educador e do educando nesse processo, refletindo em outras instâncias da sociedade.

A prática social final é o momento em que o aluno demonstra que realmente aprendeu, manifestando mudanças em seu comportamento em relação ao conteúdo. Para Gasparin e Petenucci (2008), esta se manifesta “pelo compromisso e pelas ações que o educando se dispõe a executar em seu cotidiano pondo em efetivo exercício social o novo conteúdo científico adquirido”.

2.3 PLANOS DE AULA: EXPRESSÃO DA RELAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

No contexto das experiências no ano de 2017, os bolsistas do grupo dos anos iniciais do ensino fundamental elaboram planos de aula a partir de seus conhecimentos durante a participação do PIBID. Estes planejamentos mostram a capacidade de elaborar a sua aula uma síntese entre a fundamentação teórica, o conteúdo a ser ensinado e a avaliação da relação entre objetivo-avaliação, conteúdo e método. E vista a essa perspectiva os planejamentos foi embasados na metodologia dos Cinco Passos de Saviani (SAVIANI, 1999, p.79). Buscando a partir das vivências da cultura corporal e do diálogo entre aluno/professor, um entendimento sobre diferentes aspectos históricos, sociais, corporais e políticos que se desenvolvem na escola e na sociedade.

No que se refere aos segmentos teorias e métodos que envolvem e direcionam o planejamento e execução das aulas de educação física, buscamos a partir desses planos apresentar de forma embasada e articulada como se criou e desenvolveu o plano de aula na perspectiva da abordagem Crítico Superadora, em que foi desenvolvida uma contextualização teórica a partir de um plano de aula, demonstrando como a teoria se difunde no meio educacional, além de propor exemplos que possam ser utilizados no campo prático nas aulas de Educação Física.

2.3.1. Bolsista A

Turma 3º ano

Conteúdo: Jogos adaptados e cooperativos. (Jogos Adaptados ou Jogos Superadores- superar obstáculos no dia a dia bem como aqueles impostos pela sociedade).

Objetivos: Desenvolver o entendimento do aluno do que é cooperar com os colegas diante da adversidade das inclusões no ambiente escolar e a partir disto ampliar o conhecimento dentro de uma proposta enfatizando o coletivo procurando superar os preconceitos da sociedade.

1° passo Prática Social: Jogos adaptados e cooperativos.

2° passo Problematização:

O que é cooperar? Como podemos cooperar com os colegas perante as diferenças? Quais as transformações que ocorrem quando colaboramos mais com colegas e professores? Na suas relações e convivências familiares existem deficientes? Quais os tipos de deficiência que existe? Existe relação entre jogo adaptado e jogo cooperativo? Qual objetivo do jogo adaptado e do cooperativo? Existem limites, quais? A sociedade em que vivemos, como lida com deficientes? Ela é justa?

3° passo Instrumentalização:

1°- Conversa inicial, lembrando tópicos da aula anterior e na sequência, explicação do conteúdo da aula;

2°- Cobra cega- (deficiência visual)

(o aluno terá a oportunidade de sentir-se como um deficiente que precisa guiar-se pelo som, estimulando assim a cooperação de todos os envolvidos na práxis pedagógica);

Um aluno será a cobra cega que ficará no meio do círculo formado pela turma, que terá que pegar a bola que os colegas estarão chutando no círculo, a bola está adaptada dentro de sacolas que produzirá o barulho para que o aluno com os olhos vendados escute a direção da bola, quando o aluno conseguir pegá-la, trocasse por outro colega.

4° passo Catarse:

Compreensão de que o cooperar em uma sociedade um pouco mais justa deve ser focada na inclusão de todos os alunos e também como podemos contribuir para superar o que a sociedade nos impõe.

5º passo Prática Social: Jogos adaptados e cooperativos

2.3.2 Bolsista B

Turma:4º Ano.

Conteúdo: Futebol (Futebol de pano).

Objetivo: Proporcionar a aprendizagem de atividades relacionadas ao futebol que estimulem o trabalho em equipe para reforçar a ideia de cooperação e de jogo coletivo.

1º Passo: Prática Social

Futebol (Futebol de pano). Durante o primeiro passo, verifica-se em qual estado do conhecimento se encontra esse determinado conteúdo para os alunos. Verifica-se nesse momento em qual estado do conhecimento se encontra esse determinado conteúdo. A visão do aluno pode se apresentar sincrética, desorganizada, faminta de significado com relação à prática social. Nesse momento o professor, dotado de uma visão mais sintética, deve através do diálogo entender como o aluno pensa sobre esses conteúdos (Saviani).

A escolha do conteúdo aconteceu depois de perceber que a turma do 4º ano apresentava grande dificuldade em trabalhar o coletivo durante as atividades e isso ficou evidente em uma aula anterior a essa, onde foi iniciado pela primeira vez o conteúdo de futebol. Durante esta primeira aula a grande maioria da turma apresentou atitudes individualistas entre eles, dificuldade em trabalhar em grupo com os colegas, tentativa de passar por cima das regras das atividades em algumas situações e ainda atitudes ofensivas de alguns meninos com as meninas. A partir disso, foi pensada e planejada uma aula em que trabalhássemos o conteúdo de futebol de uma maneira diferente do comum que priorizasse o trabalho coletivo entre os alunos. Então, através de pesquisa e conversa com a professora supervisora, surgiu a ideia de trabalhar o futebol de pano com a turma.

2º Passo: Problematização

Vocês conhecem o Futebol de pano? Alguém já ouviu falar ou jogou este jogo? O Futebol só pode ser jogado como nos estamos acostumados a ver? Existem outras maneiras de jogar futebol? O futebol é um jogo coletivo ou individual? É necessário trabalhar em equipe neste jogo? Neste passo, o professor explica os problemas que existem na prática social em relação ao conteúdo da aula. É necessário e importante incentivar os alunos para buscarem soluções para estes problemas.

Nesta aula, durante a problematização, o professor realizou perguntas para os alunos relacionadas ao conhecimento sobre o conteúdo, como por exemplo, se os mesmos conheciam ou se já tinham praticado o jogo futebol de pano alguma vez. Todos os alunos não conheciam a atividade e nem faziam ideia de como era, com isso foi falado um pouco sobre a atividade e os alunos entenderam a dinâmica, logo depois foram realizadas perguntas durante a problematização que relacionassem o futebol de pano com o futebol que tinha sido realizado na última aula, onde a turma apresentou dificuldade em trabalhar a parte do coletivo. Através dos questionamentos durante o segundo passo, foi tentado mostrar que existem outras formas de se praticar o futebol, mas que todos necessitavam de trabalho em grupo e de todos se ajudando para alcançar o objetivo do jogo, sendo que o futebol de pano é uma delas.

Todos os questionamentos realizados para os alunos tiveram o objetivo de que durante as conversas e a prática da atividade na aula, os alunos pensassem e refletissem sobre o que estava sendo feito, tentando através desta reflexão que os alunos fossem percebendo e construindo o pensamento durante a aula, com o intuito de que eles tentassem entender o que estava sendo praticado, para que quando chegasse no 4º passo (catarse), os alunos tivessem a percepção e o entendimento completo do objetivo da aula, pois o entendimento foi construído e aprimorado durante toda a aula.

3º Passo: Instrumentalização:

1º Momento: Diálogo inicial com os alunos para explicar como a atividade vai ser realizada. 2º Momento: Realização da atividade chamada de futebol de pano que vai ocorrer da seguinte forma: Para esta atividade é necessário um pedaço de tecido ou de tnt (pano), sendo necessário fazer dois furos nas extremidades do pano em um formato que uma bola possa entrar lá. Depois disso a turma é dividida em dois

grupos, onde os alunos de cada grupo terão que ficar posicionados em um lugar específico ao redor do pano e o objetivo de cada grupo é colocar a bola dentro do buraco do outro grupo balançando o pano para que a bola vá em direção ao buraco sem toca – lá. 3º Momento: Diálogo final para ver como foram as atividades do ponto de vista dos alunos, quais foram as experiências, dificuldades e facilidades que ocorreram durante a prática dos jogos e também sobre o que eles perceberam dentro do jogo que pode ser destacado.

Essa fase pode ser entendida como a fase didático-pedagógica. O professor deve equacionar o conteúdo, sistematizando-o em sequências didáticas, onde a aprendizagem por parte dos alunos se evidencia, com relação ao conteúdo e também a aprendizagem científica deste. Nesta aula, no primeiro momento da instrumentalização foi realizado um diálogo para explicar a dinâmica do jogo futebol de pano e para fazer uma ligação entre o segundo passo (problematização) e o primeiro momento da instrumentalização. Depois, a turma foi dividida em dois grupos e a atividade foi colocada em prática, com o intuito de que os alunos durante o jogo construíssem o conhecimento e entendessem o objetivo do jogo, o qual era estimular o trabalho coletivo entre os alunos. Ao final da atividade, foi realizado um novo diálogo, só que desta vez com o intuito de conversar com os alunos sobre o jogo, onde eles encontraram dificuldades, facilidades, quais foram às experiências mais marcantes e o que eles acharam de diferente do futebol desta aula para o futebol da última aula, o qual não atingiu os objetivos.

4º Passo: Catarse

Momento do entendimento dos alunos em relação ao principal objetivo da aula que é trabalhar a cooperação e estimular o trabalho em equipe. É nesta fase que o aluno mostra que de uma síncrese inicial sobre a realidade social do conteúdo que foi trabalhado, chega, agora à síntese, que é o momento em que ele estrutura, em nova forma, seu pensamento sobre as questões que o conduziram à construção do conhecimento. Segundo Saviani (2007) “o momento catártico pode ser considerado o ponto culminante do processo educativo, já que é ai que se realiza pela mediação da análise levada a cabo no processo de ensino, a passagem da síncrese à síntese”.

Nesta aula, a catarse aconteceu para os alunos logo após o jogo, através da realização de um diálogo, onde eles entenderam o objetivo da atividade e a grande

maioria da turma conseguiu assimilar o que foi proposto e fazer uma comparação com a aula anterior, apontando as melhoras e as diferenças entre uma aula e a outra.

5º Passo: Prática social

Futebol (Futebol de Pano). O quinto passo, o ponto de chegada, que é também o ponto de partida, ou seja, a prática social final chega-se ao mesmo ponto, mas não com o mesmo espírito, pois os alunos ascenderam a um nível que lhes permite, através da análise, chegar à síntese. “O processo pedagógico tem que realizar no ponto de chegada o que no ponto de partida não está dado.” (Saviani, 2008).

Ao final da aula, os alunos demonstraram avanços, no que diz respeito ao entendimento sobre a importância do trabalho coletivo na atividade e na relação entre eles, principalmente em comparação a aula anterior e com a prática social inicial, com os alunos percebendo o objetivo da aula e entendendo os motivos que levaram a realização deste jogo.

Avaliação: Os alunos praticaram e demonstraram interesse pelas atividades, onde à medida que elas foram sendo praticadas, houve um melhor entendimento por parte deles. O objetivo de trabalhar o trabalho em grupo nesta aula foi pensado porque nas aulas anteriores alguns alunos mostraram atitudes individualistas e sem cooperar com outros colegas da turma em atividades praticadas em outras aulas. Durante e ao final da aula, foi possível perceber uma melhora nesta parte em comparação com outras aulas.

2.3.3. Bolsista C

Turma: 2º ano

Conteúdo: Educação Física.

Em segundo momento, temos que ter ciência do conteúdo que será trabalhado nas aulas, esse ponto do planejamento é considerado um dos pilares do mesmo, pois a teoria pedagógica dará embasamento a criação e aplicação dos mesmos durante as aulas ministradas, dessa forma, buscamos pensar primeiramente o conteúdo para assim desenvolver os passos posteriores, nesse

caso a utilização do conteúdo Educação Física inicialmente aparenta ser amplo, porém ele se justifica em vista que a aula proposta tem um caráter de observação.

Objetivo: Conhecer e identificar as experiências vivenciadas pelos alunos referentes à cultura corporal de movimento que foram desenvolvidas pelas aulas de educação física anteriores e também pelas influências sociais de cada aluno a respeito da educação física, conhecendo a representação da educação física na vida de cada aluno (Intuito principal observação do professor, no primeiro contato com os alunos).

Conforme fomos dando sequência ao planejamento da aula, percebemos a necessidade de introduzir e apresentar um objetivo específico e claro para a aula que seria realizada, o conteúdo que norteava o planejamento global, ia porém a cada aula, sendo elaborado um objetivo pontual para aquele momento, assim teríamos como avaliar o desenvolvimento sequencial das propostas trabalhadas com possibilidade de registrar e avaliar nossa atuação como professores além de possuir uma ferramenta de avaliação sequencial das práxis (aulas) realizadas.

1º passo Prática Social

Tempestade de ideias com o tema Educação Física (Métodos criativos).

Conforme a abordagem propõe, nesse momento o aluno e professor possuem compreensões diferentes sobre o conteúdo proposto. Saviani 1991 diz:

Enquanto o professor tem uma compreensão que poderíamos denominar de "síntese precária", a compreensão dos alunos é de caráter sincrético. A compreensão do professor é sintética porque implica uma certa articulação dos conhecimentos e experiências que detém relativamente à prática social. Tal síntese, porém, é precária uma vez que, por mais articulados que sejam os conhecimentos e experiências, a inserção de sua própria prática pedagógica como uma dimensão da prática social envolve uma antecipação do que lhe será possível fazer com alunos cujos níveis de compreensão ele não pode conhecer, no ponto de partida, senão de forma precária (SAVIANI 1999, p.80).

Dessa forma entendemos que o professor mesmo possuindo diferentes vivências nessa situação ainda possui um conhecimento precário das condições sócias em que o aluno está inserido, isso justifica a utilização da proposta de Prática Social, pois propicia ao professor um conhecimento amplo das vivências em que o aluno já foi oportunizado além de conhecer a visão que o mesmo possui sobre as

condições em que o ele está inserido, dando subsídios a organização e desenvolvimento do planejamento posterior.

2° passo Problematização

O que vocês recordam sobre as aulas de Educação Física? Quais são suas principais referências quando falamos em Educação Física? (Introduzir um diálogo sobre as vivências educacionais, classe social, atividades marcantes relacionadas à educação física, etc.).

O que refere-se a problematização conforme Saviani (1999, p.80) apresenta-o como segundo passo “Caberia, neste momento, a identificação dos principais problemas postos pela, prática social, chamemos a este segundo passo de *problematização*”. Nesse momento não se busca apresentar novos conteúdos trata-se de identificar a problemática existente para assim, introduzir a “assimilação de conteúdos” que será o próximo passo descrito.

A problematização nesse caso busca instigar o diálogo entre professor e aluno/aluno e professor, onde principalmente os alunos possam expressar suas vivências relacionadas as vivências educacionais, classe social e atividades marcantes relacionadas à educação física, para que assim o professor tenha conhecimento individual das perspectivas e pensamentos atribuídos pelo seu processo de formação pessoal.

3° passo Instrumentalização

Primeiro Momento: Os alunos devem citar palavras que venham a sua cabeça quando falava-se “Educação Física” (Interessante anotar as palavras citadas pelos alunos).

Segundo Momento: Com as palavras citadas cada aluno deverá representar em um desenho as vivências que tiveram na educação física representando o seu significado pessoal. (Proporcionar revistas e jornais para os alunos buscarem material visual afim de ampliar o cartaz)

Terceiro Momento: Confeção de um cartaz com a frase “o que é nossa Educação física” com as palavras citadas acompanhadas de desenhos feitos pelos alunos além dos materiais retiradas das revistas e jornais.

No que diz respeito aos “momentos” neste caso divididos em três, formam no seu geral a fase da instrumentalização, designado por Saviani como terceiro passo, busca principalmente em propor atividades que proporcionam conhecimento tanto

no campo teórico como no campo, como coloca Saviani (1999, p. 81) “trata-se de se apropriar dos instrumentos teóricos e práticos necessários ,ao equacionamento dos problemas detectados na prática social”, onde o aluno a partir das atividades tem a possibilidade de elaborar uma nova visão sobre o assunto proposto, porém não somente o aluno terá uma nova percepção sobre o conteúdo o professor também a partir das vivências que os alunos proporcionam tende a recriar constantemente seu conhecimento, portanto diferentemente da pedagogia tradicional, não existe um detentor do conhecimento, o crescimento acontece e se desenvolve em ambas as partes, aluno e professor. Portanto, nesses momentos o professor se utiliza de diferentes instrumentos metodológicos para instigar o pensamento crítico dos alunos relacionados ao conteúdo proposto, esse ponto se designa como essencial no desenvolvimento do planejamento, conforme Saviani (1999, p 81) apresenta “não cabe entender a referida instrumentalização em sentido tecnicista. Trata-se da apropriação pelas camadas populares das ferramentas culturais necessárias à luta social que travam diuturnamente para se libertar das condições de exploração em que vivem”.

4° passo Catarse:

Assimilar as vivências das aulas de educação física.

O quarto passo proposto da metodologia dos cinco passos de Saviani, refere-se a “Catarse”, expressa por Saviani (1999, p.81) como efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos de transformação social, portanto a catarse não possui um momento específico na realização da aula, ela pode ocorrer em qualquer instante, pois varia de aluno em aluno, exemplificando ela ocorre quando o aluno consegue sintetizar os conteúdos propostos pelo professor e elaborar sua visão sobre o assunto.

5° passo Prática Social:

Tempestade de ideias com o tema Educação Física, descritas em cartazes.

O último passo se denomina como “prática social”, para entender esse momento temos que compreender que o método dos cinco passos ocorre de forma qualitativa, dessa forma entendemos que o último passo nada mais do que uma nova prática social apontada inicialmente no planejamento.

O ponto de chegada é a própria prática social, compreendida agora não mais em termos sincréticos pelos alunos. Neste ponto, ao mesmo tempo que os alunos ascendem ao nível sintético em que, por suposto, já se encontrava o professor no ponto de partida, reduz-se a precariedade da síntese do professor, cuja compreensão se torna mais e mais orgânica (SAVIANI 1999, p.81).

Conforme fragmento acima percebemos que a proposta do quinto passo é identificar, mas principalmente produzir conhecimentos entre professor e aluno, nesse momento os alunos já possuem uma compreensão sintética dos conteúdos propostos e seguidamente trabalhados no decorrer do planejamento.

Avaliação: De modo geral a turma foi bem prestativa, e assim consegui alcançar o objetivo proposto. Percebo o reconhecimento e afetividade dos alunos pelo professor, o qual trabalhou durante um bom tempo com os alunos, vejo que, necessito conhecer mais a realidade dos alunos e da comunidade, para melhorar meu embasamento na elaboração dos planos posteriores. Também adicionamos imagens aos cartazes sobre diferentes esportes difundidos na mídia para contrapor sobre as vivências desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Durante a realização da aula esteve presente a professora regente da turma, além da professora supervisora.

O processo de avaliação propõe uma ferramenta de suporte ao professor, nessa parte é realizada uma descrição dos principais momentos das aulas, dessa forma o professor terá descrito os pontos positivos e negativos do desenvolvimento da aula afim de possuir um documento descrito dos acontecimentos vivenciados na aula, nesse momento o professor tem autonomia em relatar os fatos que tem entere-se e também realizar uma auto avaliação afim de melhorar e aprimorar o planejamento e prática pedagógica.

2.3.4. Bolsista D

Turma 2°

1° passo Prática Social:

Contato inicial do aluno com o conteúdo a ser trabalhado, o aluno apresenta seu conhecimento empírico sobre o tema e toma conhecimento do ponto de partida do trabalho. “Frequentemente é uma percepção de senso comum, empírica, um

tanto confusa, em que tudo, de certa forma, aparece como natural” (GASPARIN, 2009, p. 16). Neste ponto inicial, apresentamos como pratica social as Brincadeiras Tradicionais. Conforme apresenta Saviani (2012), neste momento professor e aluno apresentam uma diferença essencial no ponto de vista pedagógico, referente ao conteúdo exposto. O aluno apresenta uma compreensão sincrética, em relação à pratica social e o professor apresenta uma compreensão sintética, devido ao seu contato com o conhecimento e suas experiências, mas, ainda assim, é uma síntese precária. Esta diferenciação em relação à mesma pratica social é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem, pois o aluno pensa e apresenta sua pratica social e seu conhecimento como fora elaborado em seu contexto social e cultural, assim, neste caso, trazendo para dentro do espaço escolar sua percepção e expressividade referente às brincadeiras tradicionais, indo ao encontro com conhecimento do professor, proporcionando um momento de confronto e contra posição de saberes, em que os agentes sociais do processo educacional começam a ampliar seus entendimentos, encaminhando-se ao próximo passo.

2º passo Problematização:

Processo de questionamentos e momento de instigar o aluno a refletir, analisar e encontrar possibilidades e alternativas de transformar a prática social inicial. Mas, principalmente, refletir criticamente sobre sua realidade, realizando o questionamento do conteúdo escolar com a prática social, em detrimento dos problemas que precisam ser resolvidos no cotidiano pessoal e/ou social. Acrescentamos, “A problematização é um elemento chave na transição entre a prática e a teoria, isto é, entre o fazer cotidiano e a cultura elaborada” (GASPARIN, 2009. p. 33). E também, é “[..] o momento do processo em que essa prática social é posta em questão, analisada, levando em consideração o conteúdo a ser trabalhado e as exigências sociais de aplicação deste conhecimento” (Idem, p.34).

Nesta aula, realizamos os seguintes questionamentos: o que aprendemos sobre o brincar? O que aprendemos brincando?, o que podemos aprender com as brincadeiras tradicionais?, por que é importante brincar?, qual a importância das brincadeiras tradicionais?, como ocorre o ato de brincar no desenvolvimento das brincadeiras tradicionais no ambiente social?. Os educandos respondiam de forma aleatória e distinta, expondo suas ideias e suas vivencias, carregadas das influencias sociais e culturais, ao passo em que novas questões surgiam e geravam

novas reflexões. Devemos considerar que neste momento estávamos encerrando as atividades do semestre e havíamos construído algumas ideias sobre as brincadeiras tradicionais e sobre o brincar. Os educandos, ao expressarem suas ideias, entendiam a importância do brincar, e mais, estavam tendo consciência de que brincavam e aprendiam ao brincar. Isso pode gerar um estranhamento, mas no início das atividades, ao perguntarmos “se eles brincavam”, a resposta era quase unânime: não! Imagina ao perguntar sobre “o que aprendemos brincando? ”. Pensamos que esta resposta negativa, referente ao brincar, poderia estar relacionada com o ambiente pessoal e social de cada aluno ou o entendimento que possuem sobre o brincar e o ambiente escolar. Porém, fomos elaborando com os educandos um entendimento sobre o brincar e as possibilidades de aprendizagem por meio deste ato/ação, fazendo o uso das brincadeiras que eram tradicionais àquele ambiente, considerando as ideias de cada educando sobre o brincar, com intuito de ampliarmos os entendimentos e sair do estado de estranhamento.

3º passo Instrumentalização:

Fase de estruturação do conhecimento científico e desenvolvimento dos conceitos científicos. Momento de transmissão e assimilação dos conteúdos, respondendo as questões levantadas na fase anterior. O conteúdo é posto a disposição do educando, para que recriem e transformem. Gasparin (2009) apresenta como sendo o momento em que os educandos e educador agem no sentido da efetiva elaboração interpessoal da aprendizagem, através da apresentação sistemática do conteúdo por parte do professor e por meio da ação intencional dos alunos de se apropriarem desse conhecimento (p. 49).

Para Saviani (2012), este é o momento em que os educandos apropriam-se dos instrumentos teóricos e práticos necessários à solvência das questões da prática social, “tais instrumentos são produzidos socialmente e preservados historicamente” (idem, pg.71). Apresentamos, na sequência, as atividades que serviram como instrumentalização para o desenvolvimento desta aula, considerando o conteúdo há ser tratado;

- Brincadeira pega-bolinha (partes do corpo): os educandos organizavam-se em duplas, posicionavam-se um de frente para outra, sentados ao solo, com uma pequena bolinha de papel entre eles. No comando do professor, que citaria alguma parte do corpo, os educandos teriam que posicionar suas mãos na região indicada e

assim seguia a brincadeira. Chegaria um momento em que o professor iria falar: “bolinha!”, deste modo, os educandos teriam que pegar a bolinha que estava entre eles, em sua dupla. Neste caso, apenas um educando iria pegar a bolinha, pois havia apenas uma em cada dupla;

- Brincadeira elefante colorido (cores): nesta atividade, as crianças estariam dispostas livremente no espaço da aula, podiam estar de pé, sentadas, em grupos, etc. O professor citaria alguma cor, que se encontrava no ambiente, após, os educandos teriam de encontrar esta cor em algum lugar do espaço (escolar/sala) e permanecer ao lado da cor. Tal cor poderia ser ou estar em algum objeto, em algo da natureza, entre outras coisas, e poderiam se deslocar em busca da cor de forma livre, correndo, caminhando, saltando. Após todos encontrarem a cor solicitada, era reiniciada a brincadeira;

Dialogo final, sintetizando o que foi abordado: neste momento, no processo de instrumentalização, nos debruçamos a dialogar com os educandos sobre as atividades realizadas. Consideramos esta etapa como sendo de grande importância, um momento de síntese e retomada das questões levantadas no passo da problematização. É necessário entender que as atividades não são realizadas de forma isolada, mas relacionam-se de forma dialética com a problematização, buscando responder os questionamentos e/ou gerar novas reflexões. Neste ponto ‘desconstruímos’ cada atividade e relacionamos com as possibilidades de aprendizagem. Como breve exemplo, retomamos duas questões da problematização: o que aprendemos brincando? E o que aprendemos por meio das brincadeiras tradicionais?, após a realização das atividades, ou seja, após a vivencia de duas brincadeiras, o que aprendemos por meio delas? Brincando? Podemos analisar a primeira brincadeira, e apontar, por exemplo, ‘as partes do corpo’, como algo que foi apreendido de modo lúdico, sendo este uma característica das brincadeiras. Na segunda brincadeira, podemos apontar ‘as cores’, por exemplo. Certamente que, na relação entre as atividades e a problematização, mais conhecimento foi tratado, além destes citados anteriormente.

Talvez, no primeiro momento de dialogo após as atividades, os educandos não apresentem esta percepção em relação as possibilidades de aprendizagem com o brincar (estando implícito na brincadeira), cabendo ao professor gerar possibilidades para que despertem tal percepção (podendo ser com novas

perguntas ou com exemplos concretos relacionados com o convívio dos educandos), ou apresentem outras ideias referente ao mesmo questionamento, isso enriquece o dialogo e amplia a zona de discussão, trazendo novos elementos para reflexão e apropriação. Assim, vamos construindo, com os educandos, novas formas de compreender e analisar o brincar e as brincadeiras tradicionais. O dialogo final deve ser de maneira clara e objetiva, para facilitar a reflexão e propiciar a apropriação do conhecimento, buscando a relação com a problematização e com a realidade social e cultural dos educandos, sempre agindo conforme o objetivo estabelecido para aula. É importante que o educando expresse seus conceitos e dúvidas sobre a totalidade da aula, para que possamos identificar como esta se constituindo seus entendimentos e contrastar com o próximo passo do planejamento.

4º passo Catarse:

Momento de sistematizar o que foi incorporado pelo educando, mostrando que atingiu um nível intelectual mais elevado de conhecimento, assumindo uma nova postura mental. Momento de síntese de entendimento, tratando-se da “efetiva incorporação dos instrumentos culturais, transformados agora em elementos ativos da transformação social” (SAVIANI, 2012. pg. 72). A catarse, como define Gasparin (2009), é [...] a nova postura mental do aluno, que deve ser capaz, neste momento de reunir intelectualmente o cotidiano e o científico, o teórico e o prático, demonstrando, através da avaliação, o quanto se aproximou da solução das questões levantadas e trabalhadas nas fases anteriores do processo pedagógico. (p. 9).

Elaboramos para esta aula, seguindo a proposta do programa e o objetivo da aula, juntamente com os educandos, a seguinte catarse: entendimento de novas aprendizagens a partir do brincar e das brincadeiras tradicionais; Compreensão da importância do brincar como forma de conhecer e se relacionar com o mundo, possibilitando novas aprendizagens e conhecimentos; Os educandos precisam ampliar sua compreensão da prática social. Esse momento é o mais importante do processo de ensino-aprendizagem, seguindo esta lógica de planejamento, pois ocorre a passagem da sincrese à síntese, ou seja, saindo do aspecto confuso para uma visão clara e coerente. Neste caso, os educandos entendem que o brincar vai além do ato, percebem que brincam, e mais, que é possível aprender brincando, vivenciando e realizando as brincadeiras que fazem parte de sua cultura, ou seja, a

aprendizagem é inerente ao ato de brincar. Entendem que os conteúdos da Educação Física são realidades do seu ambiente social, que podem dialogar sobre as práticas corporais que desenvolvem fora do ambiente escolar, na rua de seus bairros, junto com seus amigos e irmãos. Posteriormente nos encaminhamos para o último passo deste plano.

5° passo Prática Social:

A partir da nova posição do aluno em relação ao conteúdo, é o momento de transpor a teoria para uma nova prática, o aluno detém uma nova forma de pensar a realidade que constitui a nova prática social final. Assim, apresenta Gasparin (2009), “o conhecimento teórico adquirido pelo educando retorna à prática social de onde partiu, visando agir sobre ela com entendimento mais crítico, elaborado e consistente, intervindo em sua transformação” (p. 8). Para Saviani (2012), nesta etapa final, os educandos encontram-se em um nível sintético de conhecimento, o qual o professor já se encontrava. Seguindo no pensamento deste autor, essa elevação no nível intelectual dos educandos é essencial para que entendam a especificidade da relação pedagógica, tornando-os capacitados à expressarem uma compreensão prática em termos tão elaborados quanto ao professor (pg.72). Tal etapa, caracteriza-se pela volta ao ponto de partida, porém desta vez modificado e ampliado. Deste modo, apresentamos como prática social (final) as Brincadeiras Tradicionais, que por meio delas foi possível analisarmos e refletirmos o brincar enquanto ato indispensável para a criança, tendo papel fundamental para a descoberta e conhecimento do mundo, e possibilidade de aprendizagem de novos saberes.

Para Saviani, esta ordem não, necessariamente, será seguida, dependerá da necessidade dos agentes educacionais e/ou poderá ser realizada a retomada dos passos em qualquer momento da aula, como no caso desta aula que foi exposta, problematizamos, instrumentalizamos e posteriormente retomamos alguns elementos da problematização. Nas palavras do autor, “o peso e duração de cada momento obviamente irão variar de acordo com as situações específicas em que se desenvolve a prática pedagógica” (SAVIANI, 2012. pg.74), e segue, “nos inícios da escolarização a problematização é diretamente dependente da instrumentalização, uma vez que a própria capacidade de problematizar depende da posse de certos instrumentos” (idem, pg.75). Por fim, este foi apenas um recorte da proposta de

trabalho desenvolvida no PIBID – Anos Iniciais. Foi a última, de seis aulas, trabalhada no primeiro semestre de 2017, com uma turma de 2º do Ensino Fundamental. Deixamos claro, que não fizemos o uso da Educação Física e dos elementos da Cultura Corporal para tratarmos sobre outros conteúdos ou outro componente curricular, pelo contrário, realizamos uma reflexão sobre o brincar e as possibilidades de aprendizagem por meio das brincadeiras tradicionais, de forma intrínseca e implícita. Detectamos que ao brincar, a criança pode apropriar-se de vários conhecimentos, além dos citados nesta aula, e que, também, podem fazer parte ou estarem relacionados a outros componentes curriculares. Em muitos momentos a reflexão destinou-se, diretamente, às brincadeiras tradicionais, sendo momentos enriquecedores de troca e confronto de conhecimento, em que cada educando explanava sobre os elementos da Cultura Corporal que estavam presentes em seu contexto social e cultural, proporcionando um instante de socialização de conhecimento.

2.3.5 Bolsista E

Turma: 3º ano

Objetivo - Esta aula foi proporcionar aos alunos atividades que desenvolvam de forma criativa e divertida agilidade e coordenação simulando o atletismo.

Conteúdo – Atletismo

1º passo Prática Social: Atletismo

2º passo Problematização:

Qual o entendimento sobre esta modalidade esportiva? após foi realizada a explicação das atividades propostas para a devida aula, baseando se nas atividades de nunca três e corrida com obstáculos.

3º passo Instrumentalização:

Na quadra esportiva ao ar livre, os alunos estavam livres para escolher suas duplas para início da atividade, logo percebeu-se que os alunos escolheram por afinidade, ao iniciar a atividade os alunos não se misturaram muito apenas alguns participavam com mais frequência da brincadeira, após perceber que a atividade não se desenvolveu muito bem foi feita novamente a distribuição das duplas agora a

escolha sendo do professor. Assim a atividade acabou se desenvolvendo melhor e todos participaram ativamente da brincadeira.

Ao fim da atividade nunca três, foi sugerido outra atividade a corrida com obstáculos, de inicio foi feito um trajeto curto e simples criado pelo professor, após todos passar pela atividade, foi perguntado aos alunos o que poderia mudar para melhor desenvolver a atividade e se tornar mais interessante e divertido para os alunos, eles sugeriram locais para passar e pular, como a atividade foi feita ao ar livre havia bancos, linhas, muros, gramados entre outros para se montar um trajeto bem atrativo, depois de criado, os alunos se interessaram mais pois eles mesmo haviam criado a atividade.

4° passo Catarse:

No fim da aula, foi feito novamente um dialogo sobre toda a aula, o que mais gostaram o que não gostaram ou acharam difícil fazer, foi colocado em debate a ajuda e a importância dos colegas em todas as atividades, que com dialogo se resolve tudo e que são todos iguais diante de dificuldades e superações.

5° passo Pratica Social: Atletismo

Avaliação: A aula foi realizada com maior sucesso interagindo aluno e professor, meio ambiente e escola.

2.3.6. Bolsista F

Turma: 3° ano

Conteúdo: Policia e Ladrão

Objetivo: O objetivo principal dessa aula, é, através de um desenho relacionar com os alunos como funciona e como eles pensam sobre a policia e o ladrão no nosso pais.

1° passo Prática social

Polícia e ladrão. A Partir do que foi trabalhado na aula anterior, que foi sobre brincadeiras de pegador, me aprofundei mais na brincadeira que me chamou muita a atenção que foi o policia e ladrão. Onde consegui perceber a forma que eles reagem quando eram a polícia, tentando imitar o que eles viam dentro da realidade deles, pela maioria dos alunos vir de um bairro perigoso, então é meio que corriqueiro eles verem isso, isso teve um reflexo na Brincadeira, onde eu percebi

eles imitando casos de como algemar a pessoa, colocar na parede com muita naturalidade.

2° passo Problematização

Através de um desenho, como vocês pensam que a policia e ladrão reagem? Como eles brigam? Quem está certo? E quem está errado? Nessa Parte procuramos trazer na discussão, qual era visão deles sobre a policia, o que eles pensariam apesar da pouca idade, qual a visão do certo e o errado, já que na problematização é uma troca e contraposição de saberes, pude perceber nas problematizações que eles têm um pouco de noção do certo e errado, pelo menos uma visão superficial das coisas que será mostrado no desenho.

3° passo Instrumentalização

As crianças irão realizar um desenho expressando como elas pensam a relação da policia e do ladrão. Assim, será possível ter uma noção de como essas crianças vivem no meio desse confronto. Nesse passo que o aluno mostra o que sabe sobre o conteúdo, os alunos tiveram um período para desenhar o que eles pensavam sobre a policia e o ladrão, o lado positivo do desenho é que os alunos podem se expressar realmente no que eles pensam sem ficar conjugando palavras, expressando suas ideias através da arte.

4° passo Catarse

Entendimento teórico/prático sobre a relação e o comportamento entre a policia e o ladrão. Nesta fase que o aluno entende e assimila sobre o que ele sabia e o que ele aprendeu de novo na problematização e instrumentalização(Saviani, 2008) Onde tem o objetivo de chegar novos conhecimentos ao aluno, onde faça ele se estimular e aprender mais e mais os problemas que ocorrem no meio que a gente vive.

5° Passo Prática social

O ponto de chegada, mas também o ponto de partida, onde você volta para aquela prática social de uma forma diferente, onde aluno enxerga ela com outros olhos, tem uma outra visão da sociedade onde também questiona e procura saber mais sobre esses problemas, tornando um aluno crítico.

2.3.7. Bolsista G

Turma: 3º ano

Conteúdos: Ritmo e expressão corporal

Objetivo: (Na aula anterior tínhamos dado início ao mesmo conteúdo e atividades onde foi possível notar a dificuldade de executá-las, pela falta de concentração e cooperação). Retomar o conceito de ritmo permitindo que o aluno vivencie relacionando com a expressão corporal.

1º passo Prática social

Ritmo e expressão corporal. (Conteúdo sintetizado e experienciado) ”.

Ponto de chegada, onde o aluno não tem mais conhecimento sincrético e o professor não tem mais entendimento sintético precário, pois os dois chegaram ao nível de entendimento denominado síntese orgânica.

Esta prática social passa por uma alteração qualitativa em relação a primeira, portanto se torna mais rica em relações e determinações. No caso do ritmo, ele é percebido como um elemento dependente de outros fatores, como concentração, audição e cooperação. O que no primeiro passo não estava sintetizado pelos alunos e a síntese do professor era precária.

Prática social: ritmo e expressão corporal (desenvolver os conteúdos a partir do que já havia sido trabalhado).

2º passo Problematização

Como vocês classificam seu ritmo? Por que a atividade do “escravos de jó” não deu certo? Quais instrumentos podemos utilizar para melhorar? Questionamento aos alunos a modo que refletissem, se auto avaliassem e indicassem uma solução para a aula anterior.

3º passo Instrumentalização

Primeiro momento: diálogo inicial retomando a última aula (problematização)
segundo momento: atividades:

Escravos de Jó com material (realizada em sala de aula, nas mesas e com seus estojos. Forma mais fácil de trabalhar a atividade, utilizada para fixarem a música e compreenderem a importância do ritmo para o êxito da atividade. Foi realizada de forma lenta e moderada).

Escravos de Jó com o corpo (após a fixação e o desenvolvimento do ritmo, a mesma atividade foi realizada com o corpo andando em círculo dentro dos bambolês

no chão, onde foi possível observar o progresso do desenvolvimento do ritmo, juntamente com a expressão corporal).

Terceiro momento: Diálogo final observando a maneira que as atividades foram realizadas, avaliando se o objetivo foi atingido e porquê. (foi feita a relação entre concentração, cooperação e ritmo, enfatizando o progresso que a turma teve desde a última aula).

4° passo Catarse

Compreensão do conceito de ritmo através da vivência relacionada com a expressão corporal, ocorreu de maneira fragmentada, através da repetição no momento da primeira atividade. Alguns alunos atingiram mais tarde, mas no final, foi percebida a compreensão da turma em sua plenitude).

5° passo Prática social

Ritmo e expressão corporal, conteúdo sintetizado e experienciado.

Avaliação: Tendo em vista que essa aula foi continuidade da anterior, podemos dizer que se obteve um ótimo resultado referindo-se a compreensão dos conteúdos. No primeiro momento do “escravos de Jó sentado” foi possível observar a falta de concentração e organização dos alunos, com o problema diagnosticado, ficou mais fácil de se trabalhar essa questão e através de várias tentativas, evidenciando sempre a atenção e trabalho coletivo, a atividade obteve êxito.

Sendo assim, ficou mais simples executar a última atividade já que o ritmo e trabalho coletivo estavam desenvolvidos na turma, facilitando assim a relação com a expressão corporal.

2.3.8. Bolsista H

Turma: 4° ano

Conteúdo: Futebol – Tendo em vista de que um conteúdo seria um conjunto de valores, conhecimentos, habilidades e atitudes que o professor deve ensinar para garantir o desenvolvimento e a socialização do estudante, escolhi este conteúdo para trabalhar o trabalho coletivo e também relacionar o futebol jogado em sua comunidade o futebol midiático.

Objetivo: Proporcionar a aprendizagem do futebol, tendo em vista a problematização deste esporte, de uma forma que relacione o seu significado para o contexto social dos alunos e para o trabalho coletivo entre os mesmos. Seriam as metas didáticas que eu pretendo alcançar na minha aula.

1º Passo: prática social

Futebol - Durante o primeiro passo mostra-se o que o professor e o aluno têm em comum. Além disso, verifica-se em qual estado do conhecimento se encontra esse determinado conteúdo para os alunos. A visão do aluno pode se apresentar sincrética, precisando de significado com relação à prática social. Nesse momento o professor, dotado de uma visão mais sintética, deve através do diálogo entender como o aluno pensa sobre determinado conteúdo. A escolha do conteúdo foi devido a turma estar muito individualista e ofensiva com os colegas, após uma iniciativa de uma aula de futebol malsucedida e uma aula de futebol de pano resolvi voltar com o futebol, que por sua vez foi bem recebida pela turma.

2º Passo: problematização

O que é futebol? Como é jogado o futebol? Onde vocês jogam o futebol? Quais as maneiras de se jogar futebol? Qual futebol vocês gostam/querem jogar? Quem gostaria de ser jogador de futebol? Futebol é só para meninos? Como o futebol pode ajudar no trabalho coletivo de vocês? O futebol faz com que vocês sejam amigos? Neste passo, explicamos os problemas que existem na prática social em relação ao conteúdo da aula. É necessário e importante sermos uma ferramenta de incentivo para que os alunos busquem soluções para estes problemas.

3º Passo: instrumentalização:

1º momento: Diálogo inicial com os alunos para explicar como a atividade ocorrerá. 2º momento: Os alunos realizarão um diálogo sobre cooperação no futebol, com o intuito de que tenham um melhor contato com os colegas, após o diálogo, será feito um aquecimento antes de jogar. 3º momento: Será realizado um mini jogo lúdico entre os alunos, onde será duas equipes e o ponto (gol) será feito depois que a bola passar por todos os jogadores do time, após um determinado tempo, as equipes poderão escolher regras para dificultar o jogo do adversário. 4º momento: Diálogo final sobre a atividade praticada, com o intuito de

ver se os alunos perceberam relações entre a atividade e o seu contexto social. Essa etapa é entendida como a fase didático-pedagógica onde o professor deve equacionar o conteúdo, sistematizando-o em sequências didáticas, onde a aprendizagem por parte dos alunos se evidencia, com relação ao conteúdo e também a aprendizagem científica deste.

4º Passo: catarse:

Momento do entendimento por parte dos alunos sobre o futebol que foi praticado, contextualizando suas experiências fora da escola com a aula proposta. Analisando o que o futebol pode nos ajudar nas relações com o outro. É nesta fase que o aluno mostra uma resposta inicial sobre a realidade social do conteúdo que foi trabalhado, chegando a uma síntese, que é o momento em que ele estrutura, em nova forma, seu pensamento sobre as questões que o conduziram à construção do conhecimento.

5º Passo: prática social:

Futebol - O quinto passo, o ponto de chegada, que é também o ponto de partida, ou seja, a prática social final chega-se ao mesmo ponto, mas não com o mesmo pensamento, pois os alunos ascenderam a um nível que lhes permite através da análise, chegar à síntese. “O processo pedagógico tem que realizar no ponto de chegada o que no ponto de partida não está dado.” (Saviani, 2008).

2.4 CATEGORIAS: AVALIAÇÃO/OBJETIVOS E CONTEÚDO/MÉTODO.

Para analisar os planos de aula e ver se o objetivo do estudo, de apresentar a relação de teoria e prática no PIBID, foi atingido, nos baseamos em dois pares de categorias, a avaliação/objetivos e conteúdo/método.

Os objetivos, apresentando como sua contrapartida, a avaliação, devem ser analisados em dois níveis: seus efeitos no interior da sala de aula, como avaliação/objetivos do ensino, e no nível da escola como um todo, na forma de avaliação/objetivos da escola, expressos em projeto político-pedagógico, sendo que esses dois níveis interagem.

A hipótese de Freitas (1995), é que esta categoria objetivos/avaliação seja a chave para compreender e transformar a escola nos limites do atual momento

histórico, pois o desenvolvimento do conteúdo/método está modulado pela categoria avaliação/objetivo.

O autor salienta que alguns pedagogos têm colocado ênfase na categoria conteúdo/método e isso foi importante no momento em que as correntes liberais diminuíram o papel destes no interior da escola, no entanto, é preciso reexaminar esse enfoque, não para tirar a importância dos conteúdos, mas para chamar a atenção para a posição de dependência em que estes se encontram em relação aos objetivos/avaliação da escola. Quando se enfatizam os conteúdos escolares, os neoliberais fazem coro, imediatamente. Tal postura é compreensível na medida em que a preocupação com o conteúdo/método, além de facilitar posições reformistas (cf. Santos 1991), oculta e retira o debate crítico do campo dos objetivos/avaliação da escola, uma área central. Mesmo que os neoliberais demonstrem por avaliar a escola refere-se, na verdade, a avaliação, não dos objetivos desta em sua função social, mas como distribuidora de certos conteúdos ou competências básicas.

Na categoria objetivos/avaliação devemos começar pelo exame de avaliação. Isso se deve ao fato de que o exame da avaliação permite desvelar os objetivos reais da escola e não somente os proclamados.

Os processos que constituem as práticas de avaliação têm uma distinção entre avaliação formal e informal, sendo aspectos de um único e mesmo fenômeno, porém são mencionados isoladamente ou nas suas articulações.

Smith 1989 examinou o âmbito do julgamento no interior da avaliação educacional e concluiu por três manifestações deste processo:

“1.o conjunto de registros que resultam da avaliação formal e se tornam a verdade sobre o desempenho escolar da criança; publicados e acessíveis por empregadores potenciais(...) e geralmente não abertos a interpretação desde que tomam a aparência de fatos expressos em termos literais ou numéricos. 2. Os comentários e opiniões eu acompanham os registros, por escrito através de referência ou falados através de encontro ou por telefone; quase sempre considerados adicionais e secundários aos registros, usualmente não publicados exceto por solicitação específica e abertos a alguma interpretação desde que são reconhecidos e aceito como opiniões. 3. Avaliação formal que ocorre ao longo do caminho da avaliação formal; aparecendo tanto como registro como comentário, contribuindo parcialmente aos comentários formais, fornecendo as bases para feedback sobre o desempenho e implicando um preditor ou provável desempenho na avaliação formal” (1989, p.118, grifos nossos).

Para Freitas (1995), na prática pedagógica da escola capitalista, o par dialético objetivos/avaliação é um potente fator de modulação das demais categorias, e por isso não podemos analisá-los de forma isolada, visto que estes pares dialogam entre si, da mesma forma que refletem as relações presentes no mundo do trabalho. É importante compreender que o primeiro par modula o segundo, e que ambas 'as categorias têm o seu raio de ação tanto no nível das disciplinas escolares como no nível da organização do trabalho pedagógico da escola' (op. Cit., p. 255). Os objetivos concretizam-se a partir da avaliação, onde estão concentradas as relações de poder que modulam a categoria conteúdo/método. Cabe ressaltar que estes objetivos que estamos tratando não são apenas os explícitos, mas também os objetivos ocultos, interiorizados pela escola a partir dos interesses sociais que cercam. A partir da análise do par objetivo/avaliação, percebe-se que no interior da avaliação, existem dois polos em contradição: a manutenção e a eliminação. A importância da análise da avaliação vem no sentido de que esta revela os reais objetivos da escola.

3. ANÁLISE DOS CONTEXTOS: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bolsistas analisados, através de seus planejamentos, apresentam em comum o desenvolvimento (método) de seu plano de aula, apresentando o objetivo da aula, o seu conteúdo a ser desenvolvido na mesma, bem como a avaliação de todo o processo, ou seja, se a aula atingiu o objetivo ou não. O conteúdo é bem definido, o que a nosso ver, gera o entendimento e o aprendizado mais aperfeiçoado tanto do aluno como do professor, no caso, o próprio bolsista.

Embora cada um dos planos de aula de cada bolsista seja conteúdos e anos de ensino diferentes, todos trazem o conteúdo de cada ano de ensino com diferentes atividades, mas todos seguem os cinco passos de Saviani para ter uma aula estruturada e que o aluno possa entender através de uma lógica dialética o que é ensinado.

Isso nos traz pontos positivos sobre o objetivo do nosso estudo. É possível sim ter um melhor entendimento do processo de ensino-aprendizagem, através da teoria e prática na formação acadêmica dos alunos participantes do programa. Os bolsistas desenvolveram a sua prática de acordo com a teoria.

Cada bolsista analisado tem a sua forma de apresentar a parte teórica da sua aula. Alguns são mais diretos, apresentando, primeiramente, o conteúdo e outros envolvem acontecimentos do dia a dia para explicar o objetivo da aula para os alunos, colocando situações que acontecem na sociedade.

De acordo com a metodologia de aula proposta, o objetivo da aula somente é atingido, quando ocorre a catarse, ou seja, quando o aluno entende e o que foi proposto em aula e passa a entender e realizar a prática social de maneira mais elaborada. Ao analisar o 4º passo da aula, a catarse, os bolsistas descrevem o que o aluno deve entender na aula e como ele vai desempenhar em outras atividades o objetivo. É neste passo que o aluno mostra que de uma síntese inicial sobre a realidade social do conteúdo que foi trabalhado, chega, agora à síntese, que é o momento em que ele estrutura, em nova forma, seu pensamento sobre as questões que o conduziram à construção do conhecimento. Sobre essa questão, constatamos uma qualidade na forma de apresentação da catarse nos planejamentos, o que consiste, também, na própria catarse dos bolsistas PIBID.

Dos oito planos de aula, cinco se referem a luta de classes, em que o professor (bolsista PIBID) possibilita passar para aluno, as contradições sócias que se apresentam em nossa realidade e que se expressa em nossos jogos e atividades da cultura corporal. Como exemplo, citamos os seguintes planos: Bolsista A, B, E, F e H. Neste sentido, o autor Saviani defende a escola como um instrumento necessário de luta em favor da disseminação do saber, com a finalidade de se alcançar outro projeto de sociedade.

Entre os planos de aula, constata-se a busca em desenvolver a coletividade entre os alunos, pois eles sendo coletivos, ajudando uns aos outros em aula através da organização, é um aprendizado para toda a escola e para uma sociedade com outros valores para além da exclusão e da desigualdade.

Conforme Saviani (2014), a educação escolar é valorizada, tendo o papel de garantir os conteúdos que permitam aos alunos compreender e participar da sociedade de forma crítica, superando a visão de senso comum. A ideia é socializar o saber sistematizado historicamente e construído pelo homem. Nesse sentido, o papel da escola é propiciar as condições necessárias para a transmissão e a assimilação desse saber. Nos planejamentos, sobre esta questão, constatamos,

uma qualidade e ampliação dos conteúdos de ensino da área de conhecimento da Educação Física: A cultura corporal.

Dessa forma, enfatizamos que a articulação entre teoria e prática é um dos elementos essenciais para a formação de futuros professores. A participação dos bolsistas no Programa instiga o senso crítico destes, acarretando a uma melhor formação inicial. A formação docente inicial não se dá apenas com a aquisição de conhecimentos ou somente pelo exercício em sala de aula, mas no entendimento que os estudos teóricos sejam intrinsecamente relacionados às experiências vivenciadas na realidade escolar e principalmente quando estes pilares resultam em uma reflexão crítica das intervenções realizadas na escola.

Saviani (2008) menciona que a teoria pode contribuir para a transformação do mundo, mas para isto tem que sair de si mesma, e ser assimilada por quem vai realizar tal transformação. No caso da escola, pelo educando.

Saviani (2008) faz ainda referência a Nosella (1983) quando este diz que o compromisso político “é o ponto crítico do processo educativo”. Se o educador estiver realmente a serviço da classe trabalhadora, deve procurar romper com a concepção burguesa de cultura. Ao reconhecerem “seus direitos, seus deveres, sua história, seu futuro”, as massas trabalhadoras estarão realizando um encontro consigo mesmas.

O processo da iniciação à docência implica na compreensão das ações interligadas às aprendizagens construídas, a partir da aproximação com cada núcleo escolar, conhecendo os seus espaços e integrando-se com os profissionais da educação para um trabalho coletivo.

Deste modo o PIBID visa essa melhoria nos processos educativos a fim de suprir essas novas exigências, pois o trabalho docente é colocado em constante discussão sobre a sua formação e qualificação profissional, mas, sobretudo, a sua prática pedagógica diante dos desafios encontrados para a atuação, ou seja, na relação entre teoria e prática.

Por fim, entendemos que o PIBID é um programa que possibilita uma formação mais qualificada no que consiste na relação entre teoria e prática, principalmente, quando o programa, ou em específico o projeto desenvolvido, desenvolve uma proposta metodológica clara para seus bolsistas. Evidencia-se na proposta em apreço, através da análise dos planejamentos uma lógica entre as

categorias objetivos/avaliação e conteúdo/método, o que nos faz constatar que a formação dos referidos bolsistas, através do PIBID, possibilitou a ampliação do ensino-aprendizagem dos mesmos para além de uma aula como desenvolvimento de meras atividades.

Referencias

COLETIVO DE AUTORES. Metodologia de Ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 2009.

FREITAS, Luís Carlos. Crítica da organização do trabalho pedagógico e da didática. Campinas: SP, Papirus, 1995.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8. ed. Campinas: Autores Associados, 2003. _____. **Escola e Democracia**. 41. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

SAWITZKI, R. L. Subprojeto PIBID Educação Física “Cultura esportiva da escola”. 2013. In: TOMAZETTI, E. M.; LOPES, A. R. L. V; (Org). PIBID-UFSM: experiências e aprendizagens. v. 2. São Leopoldo: Oikos, 2013. p. 27-46

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica– DEB**. Relatório de Gestão 2009-2011da CAPES. Brasília, Jul. 2012. p. 1-29. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/DEB_Pibid_Relatorio-2009_2011.pdf>. Acesso em: 14 maio. 2018.

_____. Portaria nº. 38/2007, de 12 de dezembro de 2007. Dispõe sobre o Programa de Bolsa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília, 2007. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/legislacao/Portaria_Normativa_38_PIBID.pdf>. Acesso em 03 jul. 2013.

_____. Ministério da Educação. Diretoria de Formação de Professores da Educação Básica– DEB. **Relatório de Gestão 2009-2011**da CAPES. Brasília, jul. 2012. p. 1-29. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/bolsas/DEB_Pibid_Relatorio-2009_2011.pdf>. Acesso em: 21 set. 2013.

DALLA NORA, D. As políticas educacionais e o PIBID - Cultura esportiva da escola do CEFD/UFSM. In: VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 2014, Matinhos -Paraná. **Anais** do VII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 2014.

Araujo, D. A. C. (2009). Pedagogia histórico-crítica: proposição teórico metodológica para a formação continuada. Anais do Sciencult, 1(1). Acesso em: 04 de maio de 2015. Disponível em: <http://periodicos.uems.br/novo/index.php/anaispba/article/viewFile/180/114>

Gasparin, J. L. (2007). Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. 4ª ed. Campinas – SP: Autores Associados, 2007.

Gasparin, J. L., & Petenucci, M. C. (2008). Pedagogia histórico-crítica: da teoria à prática no contexto escolar. Acesso em: 04 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2289-8.pdf>

Steimbach, A. A. (2008). O processo de ensino numa perspectiva histórico-crítica. Acesso em: 04 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.famper.com.br/download/allan.pdf>